

O SIGNO LINGÜÍSTICO: DE SAUSSURE A BENVENISTE¹

THE LINGUISTIC SIGN: FROM SAUSSURE TO BENVENISTE

Micheli Mariel Decian² e Celia Helena Pelegrini Della Méa³

RESUMO

As questões relativas à língua e à linguagem não são estanques, por essa razão, constantemente, aparecem inovações relativas a diferentes enfoques no ato de delineação do mesmo objeto de estudo. Neste trabalho, abordamos como objeto de estudo a concepção de signo lingüístico para Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. O primeiro é responsável pela sistematização das idéias referentes à noção de signo lingüístico e o segundo possui uma visão mais usual da língua e do signo. A seleção dos referidos teóricos deu-se devido à relevância das contribuições dos autores para os estudos lingüísticos. Em relação ao signo lingüístico, as idéias de Saussure e Benveniste somam-se em alguns pontos e seguem caminhos diferentes em outros. Essa questão é evidenciada no decorrer deste trabalho, considerando os pontos em que os teóricos selecionados concordam, discordam e/ou somam idéias e as complementam.

Palavras-chave: signo, língua, discurso.

ABSTRACT

The questions related to language (langue and parole) are not closed, for this reason, there constantly are innovations related to different highlights in the shape of the same study object. In this work, we approached as a study object the conception of linguistic sign for Ferdinand de Saussure and Émile Benveniste. The former is responsible by the systematization of the ideas related to the notion of the linguistic sign and the latter has a more usual vision of language and sign. The selection of the theorists mentioned was made due to the relevance of their contributions for linguistic studies. Concerning the linguistic sign, Saussure's and Benveniste's ideas a similar in some ways and follow different paths in others.

¹ Curso de Especialização em Língua Portuguesa - UNIFRA.

² Aluna do Curso de Especialização em Língua Portuguesa - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

This question is shown throughout this paper, considering the points in which the theorists agree, disagree and/or add up ideas.

Keywords: *sign, language, discourse.*

INTRODUÇÃO

Os estudos e reflexões acerca da linguagem não são recentes e, muito menos, acabados. Isso se deve à multiplicidade de relações que podemos efetuar a cada leitura que fazemos de um determinado texto ou mesmo de um fato, chegando a novas conclusões, mas também nos incutindo inúmeras interrogações.

É devido a essa vasta gama de relações que podemos efetuar, via linguagem, um estudo comparativo entre Saussure (1969) e Benveniste (1985)⁴, com avaliação e discussão da concepção de signo lingüístico para ambos, com averiguação das semelhanças, diferenças e verificação dos pontos em que as teorias se somam e contribuem, em muitos pontos, para os estudos da língua.

Os estudos mais sistematizados e especializados acerca do fenômeno lingüístico e da língua, como sistema, datam do século XX, com a publicação do *Curso de Lingüística Geral*⁵ (1969), contendo as idéias de Ferdinand de Saussure quanto à língua e seu funcionamento.

A partir das idéias de Saussure (1969), surgem outros autores. Alguns partilham as idéias saussurianas e outros as criticam. De fato, é a partir da crítica ou da aceitação que surgem aprimoramentos de teorias lingüísticas, e mesmo, novas teorias. Contudo, é importante salientar que o objeto de estudo das teorias lingüísticas é sempre o mesmo: a língua, que é vista sob prismas diferenciados, de indivíduos com contextos de vida também diferenciados e que, portanto, terão acepções diferentes do que é e de como funciona a língua como um todo.

Benveniste⁶ (1985) caracteriza-se como um autor pós-saussuriano. Utiliza, em sua obra, muitos pontos notificados por Saussure, porém sua

⁴ As referências a Ferdinand de Saussure e a Émile Benveniste registram, neste artigo, os fundamentos das obras “Curso de lingüística Geral” e “Problemas de lingüística geral I e II”, devidamente citadas no final deste artigo.

⁵ Ressalta-se que, embora o Curso de Lingüística Geral tenha fundado a lingüística moderna, isso ocorreu à revelia de Saussure, a quem se atribui à autoria, sem, no entanto, construí-lo. Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger, foram os “discípulos” que (re)criaram a obra saussuriana, publicando-a, em 1916, com base em lições disponibilizadas por alunos de Saussure, ao longo de três anos de ensino.

⁶ Registra-se que Emile Benveniste é considerado um estruturalista por ter, em vários de seus estudos, a retomada de bases teóricas saussurianas, como na noção de signo, de estrutura, de nível semiótico etc.. Conforme Flores (2001), “Isso não quer dizer que Benveniste deixe de ampliar muitas das idéias estruturalistas ou até mesmo de subvertê-las.”

visão acerca da linguagem e da própria língua difere, em muitos pontos, de Saussure (1969). Essa notificação pode ser percebida já no momento em que Benveniste (1985) define a língua como um sistema que comporta a inserção de falantes desde sempre, ao contrário de Saussure que define a língua como um sistema de signos lingüísticos.

O trabalho de Benveniste (1985) contribuiu em muito para os estudos da teoria da enunciação. O autor é considerado o primeiro lingüista a propor uma teoria que trata, especificamente, da enunciação. Para ele, a língua, via enunciação, ou seja, por meio do seu funcionamento em um ato individual de utilização, é transformada em discurso. Com isso, demonstra que valoriza a questão da linguagem em uso, fato justificável pelo esquema da enunciação: eu, tu, aqui e agora.

No decorrer deste trabalho, verificamos que os estudos acerca da linguagem não são estáticos, por isso, é de grande importância estudar autores de diferentes épocas e concepções, a fim de alcançarmos um entendimento mais amplo e aprimorado acerca do signo lingüístico, o qual constitui a língua.

CONCEPÇÕES ACERCA DA LÍNGUA PARA SAUSSURE E BENVENISTE

Os fenômenos lingüísticos sempre foram estudados, porém não foi em todas as épocas que os autores obtiveram êxito quanto à sistematização de suas idéias, como algo novo e significativo para os estudos acerca da língua. Saussure foi um exemplo de autor que teve habilidade e percepção para entender e explicar questões referentes à língua que, muito antes de outros, compreendeu muitas noções e as deixou como legado.

No entender de Saussure (1969, p. 92), “A língua é para nós a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos lingüísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender”. Por meio desse fragmento, percebemos claramente que a visão saussuriana de língua tem em vista a comunicação em que os interlocutores alcançam o objetivo da compreensão mútua, sem levar em conta que os interlocutores podem possuir contextos, situações e vivências diferenciadas. Assim, para Saussure, a língua é tomada como homogênea e ele não leva em consideração a fala, visto que não se ocupa com o funcionamento da linguagem, pois a fala é um mecanismo particular de cada indivíduo. Verificamos que, para Saussure, a língua é viável e não-vivente.

No entender de Benveniste (1989), a linguagem e seu estudo são processados de forma diferenciada do que propõe Saussure, não

desmerecendo, em momento algum, as colocações do mestre de Genebra. Essa diferenciação já é perceptível no momento em que Benveniste (1989) concebe a língua como uma possibilidade, antes da enunciação, pois após essa, “a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (1989, p. 83-84).

Percebemos que, para Benveniste, a língua é concebida como tal no momento da enunciação, ou seja, no instante em que está sendo colocada em prática pelos locutores. Com isso, a língua é caracterizada como instância de discurso daqueles que a utilizam. É perceptível que, para Benveniste, é de extrema importância a cena de enunciação, ou seja, a valorização do aparelho formal da enunciação⁷: o *eu*, o *tu*, o *aqui* e o *agora*, como condições de emprego da língua. Por isso, é necessário, para que a língua seja concebida, um locutor que enuncie algo a alguém, o qual enunciará uma resposta ao primeiro, um local ou meio para que o ato de enunciação aconteça e um contexto de situação que será representante do agora, pertencente ao esquema da enunciação.

Por meio dessa definição de Benveniste (1985), já verificamos pontos diferenciados entre ele e Saussure (1969), pois a noção de língua para Saussure corresponde a um sistema de signos lingüísticos, sem valorizar o momento em que se efetua a enunciação, o que, ao contrário, é levado em consideração por Benveniste, ao propor condições formais de enunciação para o estudo da língua.

A questão da inserção da cena enunciativa, presente na teoria, fica mais evidente por meio das seguintes palavras do texto *O aparelho formal da enunciação*, de Benveniste (1989, p. 84):

... na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação.

Verificamos em Benveniste que a língua, na enunciação, é empregada para a expressão, mas a expressão em seu sentido amplo, ou seja, a inter-relação dos indivíduos. Averiguamos assim que, em

⁷ Benveniste (1970) propõe o *aparelho formal da enunciação* que visa a sistematizar a língua no âmbito semântico, ou seja, ao colocar a língua em funcionamento (através do locutor), encontram-se os signos materializados em palavras, com significações intencionadas, produzidas pela colocação dessas palavras no sintagma. Nesse processo, encontra-se um *eu* que instaura um *tu*, num tempo (*agora*) concomitante com a enunciação (*aqui*).

Benveniste, a linguagem é condição da existência do homem, diante de outros indivíduos e do mundo que os circunda, ou seja, a linguagem sempre foi e sempre será uma forma de representação do sujeito que enuncia.

O SIGNO SAUSSURIANO

A língua constitui-se de um sistema do qual lançamos mão para interagirmos com outros indivíduos e é composta de signos lingüísticos. O signo lingüístico, segundo Saussure (1969, p.80), “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Por meio dessa definição, verificamos que o signo é uma entidade psíquica de duas faces: o conceito e a imagem acústica. A primeira refere-se à imagem mental, ao referente que temos para designar o signo e a segunda refere-se à seqüência fônica que utilizamos para designar o signo. O conceito e a imagem acústica são também chamados de significado e significante, respectivamente.

O signo lingüístico, para Saussure, além de caracterizar-se por ser composto de um significado e um significante, tem também como característica a arbitrariedade, que é assim proposta pelo autor (1969, p. 83):

A palavra arbitrário requer também uma observação. Não deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo lingüístico); queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao seu significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.

A arbitrariedade do signo lingüístico, discutida no Curso de Lingüística Geral, registra-se na noção de que o significante e o significado não têm relação direta, ou seja, é arbitrária a relação que une o significado e o significante. A discussão fica mais evidente quando ocorre a comparação entre línguas, demonstrando que, se houvesse essa relação direta, não poderia haver as diferenças de nomes para as mesmas coisas entre as línguas, como explicita Saussure (1969, p. 81):

Assim a idéia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à seqüência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra seqüência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa boeuf (“boi”) tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s*(*Ochs*) do outro.

Na tentativa de esclarecer a arbitrariedade entre o significante e o significado, é usada a diferença entre as línguas, o que leva a um questionamento sobre a proposta da noção de arbitrariedade da obra, uma vez que o exemplo citado não sustenta a noção de arbitrariedade do signo, pois faz referência ao mundo e não à relação entre significado e significante.

Há algumas críticas referentes ao caráter arbitrário do signo, quando tratamos das onomatopéias e interjeições, porque, ao se tratar desses elementos, parece haver uma ligação aproximada entre o seu significante e o seu significado, um exemplo é o tic-tac, que produz um som semelhante ao relógio e que, por essa razão, é tido por muitos como o som representativo do relógio. Essa questão é assim descrita por Saussure: “Quanto às onomatopéias autênticas (aquelas do tipo glu-glu, tic-tac, etc.), não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos”. Verificamos por meio do fragmento que as onomatopéias têm caráter arbitrário, pois a imitação efetuada é apenas aproximativa e convencional, ou seja, em um determinado grupo, alguém deve ter relacionado um som a um objeto e essa idéia proliferou-se até ser aceita como convencional.

O mesmo fato acontece com as exclamações, mas, segundo Saussure, para que verifiquemos que o significante não tem relação com o significado (1969, p. 83) “basta comparar duas línguas, sob esse aspecto, para ver o quanto tais expressões variam de uma língua para outra língua (por exemplo, ao francês *aie!* Corresponde em alemão *au!* E em português *ai!*)”. Tendo Saussure posto o signo lingüístico como arbitrário, podemos deduzir que os nomes foram dados aos elementos por convenção.

Outro legado saussuriano, quanto à teoria do signo lingüístico, diz respeito à linearidade do significante, esse tem natureza auditiva e desenvolve-se no tempo. Tem, segundo Saussure, as seguintes características: “a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha”. Esse princípio explica por que proferimos um signo após o outro, para que consigamos enunciar uma seqüência fônica que equivalha a um signo dotado de significação.

A significação de cada signo lingüístico é passada de geração a geração e, em certo momento, convencionou-se chamar ao objeto mesa de /meza/ e isso se perpetua devido à imutabilidade do signo. A imutabilidade corresponde ao fato de que não podemos mudar o nome de um elemento por vontade própria, pois se já existe um nome para os objetos, a tendência lógica é que esse nome permaneça.

Verificamos que o estudo da língua e do signo é delicado e requer

muita atenção. Saussure criou e sistematizou a teoria do signo lingüístico, estabelecendo a sua constituição, bem como a constituição dos elementos que levam à consideração de um signo como tal. Com base em seu árduo e inovador estudo, novos olhares foram lançados sob o signo lingüístico, visto, primeiramente, pela ótica saussuriana. O autor alcançou grande êxito com suas descobertas e tornou possível a concepção de signo, em conformidade com sua visão ou não, a um grande número de pesquisadores que apareceram posteriormente. A partir das idéias saussurianas, abriu-se um leque de possibilidades para o entendimento da língua, surgindo estudos e teorias inovadores.

O SIGNO BENVENISTIANO

No que tange ao estudo do signo lingüístico, Benveniste vai além da proposta teórica de Saussure. Para Benveniste, o signo é assim caracterizado:

Dizer que a língua é feita de signos é dizer antes de tudo que *o signo é a unidade* semiótica. Essa proposição, sublinhamo-lo, não está em Saussure, talvez porque ele a consideraria como uma evidente decorrência, e nós a formulamos aqui no início do exame que estamos fazendo; ela contém uma dupla relação que é necessário explicitar: a noção de signo enquanto unidade e a noção de signo como dependente da ordem semiótica (Benveniste, 1989, p. 224).

Pelas palavras do referido teórico, percebemos que o signo é uma unidade dotada de sentido; o autor considera a significação como elemento precedente ao signo. Para constituir-se, o signo precisa representar uma unidade, mas não uma unidade qualquer e, sim, uma unidade dotada de significado. Benveniste salienta a idéia de língua como um fenômeno dinâmico e de uso contínuo, por meio do qual podem ser formulados e proferidos vários discursos. Essa forma de conceber a língua é própria da teoria da enunciação benvenistiana e nos auxilia a ter uma noção de língua estreitamente ligada à enunciação.

Benveniste discute essa questão, salientando que o estudo da linguagem difere, em muito, do estudo dos fenômenos naturais, pois o estudo da linguagem não é convencionalmente idêntico, possui uma série de situações que devem ser levadas em consideração, por fazerem grande diferença, como podemos perceber por meio do fragmento a seguir, de Benveniste (1989, p. 224/225):

A linguagem é bem outra coisa, ela não releva do mundo físico; ela não é nem do contínuo, nem do idêntico, mas bem ao contrário, do descontínuo e do dissemelhante. É por isso que ela não se deixa dividir mas decompor; suas unidades são elementos de base em

número limitado, cada um diferente do outro, e suas unidades se agrupam para formar outras ainda, de um nível cada vez superior. Ora, a unidade particular que é o signo tem por critério um limite inferior: este limite é o da *significação*. A unidade, diremos nós, será a entidade livre, mínima em sua ordem, não decomponível em uma unidade inferior que seja ela mesma um signo livre. É então signo a unidade assim definida, dependente da consideração semiótica da língua.

Essas palavras nos esclarecem a noção de signo que, para Benveniste, está ligada à consideração semiótica da língua, aos diversos momentos em que a língua pode ser enunciada, ao seu caráter disforme e ao seu caráter não divisível, mas que pode ser decomposto. Esse último fator é bastante interessante, pois verificamos que cada signo lingüístico tem por característica não ser dividido, mas sim, decomposto em unidades menores, sem perder sua essência e sua característica original, um mesmo elemento pode ser utilizado de diversas maneiras, dependendo da intenção e necessidade daquele que o enuncia.

As questões elucidam, também, uma outra colocação de Benveniste, aquela referente à arbitrariedade do signo lingüístico. Para o autor, a questão da arbitrariedade tem suscitado discussões vãs, ou seja, não-relevantes, pois, para Benveniste, a questão da arbitrariedade está relacionada à diferenciação entre sentido e referência. A referência está diretamente ligada à situação de uso, independentemente do sentido, e relacionada ao momento em que o signo é utilizado. Esse fato faz com que possa ser conhecido o sentido original das palavras e, mesmo assim, não reconhecê-lo numa junção de palavras, formando as frases. O sentido referido por Benveniste tange algo particular, a idéia transmitida e o seu emprego. Assim, segundo Benveniste (1989, p. 231), “se o “sentido” da frase é a idéia que ela exprime, a “referência” da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou, de fato, a que ela se reporta e que nós jamais podemos prever e fixar.”

Quanto à noção de signo, Benveniste destaca que o signo só pode existir quando a língua está em uso, caso contrário o signo não existe. O autor também discute a presença de um significante e de um significado. Ele entende a função de ambos como tendo inter-relação, pois, como Benveniste (1989, p. 225) cita, “o significante não é apenas uma seqüência dada de sons que a natureza falada, vocal, da língua exigiria; ele é a forma sonora que condiciona e determina o significado, o aspecto formal da entidade chamada signo”. Com base nas palavras do autor, percebemos que o significante é aquele que, por meio de uma cadeia sonora, ativa em nossa mente um elemento que corresponde ao conceito descrito pelo significante e que equivale ao significado.

O significado, para Benveniste (1989, p. 227), tem como característica primordial o sentido, como visualizamos em suas palavras “significar é ter um sentido, nada mais”. Nessas palavras, verificamos que a questão do sentido é muito valorizada pelo autor e, em relação ao sentido de cada signo, o autor salienta que todo signo assume determinado sentido devido às oposições e relações que estabelece. Essa questão fica esclarecida com as seguintes palavras de Benveniste (1989, p. 227/228):

Cada signo entra numa rede de relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. Quem diz “semiótico” diz “intralingüístico”. Cada signo tem de próprio o que o distingue de outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa.

Para Benveniste, as noções de significação e de distinção andam juntas. Por isso, quando tratamos do signo semiótico, temos esse signo como independente das situações de uso, não encontra aplicações particulares, sua função é a de significar, já o signo semântico se realiza por meio da situação de discurso, pelo sintagma.

Ao tratar do signo como semiótico, percebemos que, a exemplo de Saussure, Benveniste também defende a arbitrariedade do signo, a idéia de que os nomes não têm ligação direta com os objetos que denominam e com o contexto situacional em que estão envolvidos. Esses fatos ficam mais evidentes por meio das seguintes colocações de Benveniste (1989, p. 228):

Em primeiro lugar, em qualquer momento, em semiótica não se ocupa da relação do signo com as coisas denotadas, nem das relações entre a língua e o mundo. Em segundo lugar, o signo tem sempre valor genérico e conceptual. Ele não admite significado particular ou ocasional, excluindo-se tudo que é individual, as situações de circunstâncias são como não acontecidas. Em terceiro lugar, as oposições semióticas são de tipo binário.

Nesse trecho, notamos que o signo, enquanto elemento semiótico, não tem relação contextual alguma, ele apenas se ocupa da significação do signo em um paradigma, fato que exclui a semiologia das relações entre o signo e o mundo.

O signo, para Benveniste, não pode ser considerado como elemento fácil de ser compreendido, pois, segundo o autor, o signo possui uma unidade semiótica e uma unidade semântica. A primeira corresponde ao significar e a segunda corresponde ao comunicar, como Benveniste expressa em (1989, p.229): “não conseguimos encontrar termos melhores para definir as duas modalidades fundamentais da função lingüística, aquela de significar para a semiótica, aquela de comunicar para a semântica”. Dessa forma,

devemos sempre analisá-lo sob esses dois prismas, o que se pode tornar extremamente complexo.

Essas questões são mais claramente perceptíveis em Benveniste (1989, p. 230):

Uma primeira constatação é que o “sentido” (na acepção semântica que acabamos de caracterizar) se realiza na e por uma forma específica, aquela do sintagma, diferentemente do semiótico que se define por uma relação de paradigma. De um lado, a substituição, de outro a conexão, tais são as operações típicas e complementares.

Verificamos que o signo semiótico não leva em conta as questões enunciativas, ao contrário do signo semântico que leva em consideração os elementos dentro do sintagma, ou seja, os elementos formais da enunciação como sendo conexos uns aos outros e pertencentes a uma determinada situação.

O signo semiótico, segundo Benveniste (1989, p. 227), pode ser assim entendido: “enunciemos então este princípio: tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua”. A partir disso, averiguamos que o semiótico corresponderá ao sentido estabelecido para determinado signo, mas esse sentido é decorrente de relações paradigmáticas, ou seja, não tem relação contextual e sintagmática com o restante do enunciado. Essa estrutura formal possui unidades específicas para se determinarem os elementos, como vimos acima, em signo semiótico. Agora veremos, com relação ao signo semântico, que está contido em outros elementos e características para que possa ser definido e caracterizado, como podemos analisar em Benveniste (1989, p. 229), quando o autor coloca a semântica como elemento de grande importância “é a língua como instrumento da descrição e do raciocínio”. Verificamos que é via noção semântica do signo que nos comunicamos e interagimos com o mundo, essa noção nos permite a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência. A unidade semântica do signo não o trata como dotado de uma única significação, mas sim, como dotado de significação. Para Benveniste (1989, p. 229), “não se trata mais, dessa vez, do significado do signo, mas do que se pode chamar o intencionado, do que o locutor quer dizer, da atualização lingüística de seu pensamento”.

Quanto às diferenças entre acepções semióticas e semânticas, fica mais fácil visualizar suas diferenças e objetivos por meio da seguinte citação de Benveniste (1989, p. 230), na qual ele faz definições precisas a respeito de cada acepção:

A semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua;

a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação. O signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra acepções particulares; a frase, expressão do semântico, não é *senão* particular. Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com as frases liga-se as coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e a atitude do locutor.

Averiguamos que a concepção semiótica do signo tem caráter intralingüístico, é uma propriedade da língua. Já a concepção semântica necessita que um locutor coloque a língua em ação, para que ela e os signos que a compõem sejam caracterizados como tal. Também verificamos que a semântica leva em conta fatores particulares, contextuais e situacionais, ao contrário do signo semiótico que existe por si mesmo, sustentando-se, basicamente, na sua significação, ao contrário da frase, que tem necessidade de estar imbricada em uma situação de discurso.

Percebemos assim que, para Benveniste, a língua possui uma unidade semiótica, correspondente ao signo lingüístico e uma unidade semântica correspondente à palavra. Esta se torna a unidade mínima da mensagem e necessária para a decodificação do pensamento, sendo essa a sua função natural, embora, na constituição do sistema lingüístico, não se possa desconsiderar a unidade semiótica, já que ambas são indissociáveis, assim como o signo e a palavra o são.

Ainda é possível definir diferentes pontos de vista entre Saussure e Benveniste, pois para o primeiro, a menor unidade que compõe a língua é signo, já para Benveniste, a menor unidade de composição da língua é a palavra e, além disso, essa unidade mínima é dependente da situação de uso e sujeita a mutações de significado, já o signo, visto sob o prisma saussuriano, tem como constituintes imediatos da língua o significado e o significante, sendo esses interdependentes.

O sentido, ao se tratar da semântica, é tão ligado ao contexto que Benveniste (1989, p. 231) ressalta que “o sentido de uma frase é sua idéia, o sentido de uma palavra é seu emprego (sempre na acepção semântica)”. Verificamos que o sentido da palavra é sempre recorrente de uma situação de uso e daí surge um outro fator, a referência, que irá também depender do contexto para que se alcance o entendimento. Assim, “o sentido de uma frase consistirá na sua capacidade de ser integrante de um sintagma particular e de preencher uma função proposicional”, segundo Benveniste (1989, p. 232). Essa questão esclarece o princípio da polissemia como valores instantâneos, aptos a fazerem sentido e a desaparecerem, em conformidade com a situação de discurso.

Quanto às idéias de forma e sentido, podemos entendê-las melhor

na seguinte citação de Benveniste (1989, p. 232): “o “sentido da frase está na totalidade da idéia percebida por uma compreensão global; a forma se obtém pela dissociação analítica do enunciado processada até as unidades semânticas, as palavras”. Já o sentido das próprias palavras será decorrente do contexto em que se inserem.

Até então foram efetuadas muitas observações acerca dos aspectos semânticos e semióticos que constituem as palavras e os signos, com suas diferenciações e características, o que torna um pouco complicado dizer o que é e o que não é signo, mas esses esclarecimentos estão presentes em Benveniste (1989, p. 233):

Ora, as palavras, instrumentos da expressão semântica, são materialmente os signos do repertório semiótico. Mas estes signos, em si mesmos conceptuais, genéricos, não circunstanciais, devem ser utilizados como “palavras” para as noções sempre particulares, específicas, circunstanciais, nas acepções contingentes do discurso.

Podemos perceber que as palavras, as quais possuem ordem semântica, equivalem-se materialmente aos signos, que possuem ordem semiótica. Percebemos que o conceito de signo se amplia, quando os signos, que são genéricos, forem utilizados como palavras, para designar noções particulares em circunstâncias de discurso e, nessas circunstâncias, o signo passa a ser palavra enunciada, possuidora de um determinado sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As colocações de Saussure e Benveniste quanto à concepção de língua e de seus elementos são bem particulares. Eles possuem algumas concepções semelhantes e destoantes em outros momentos. As questões de língua são explicitadas pelos autores de acordo com a visão que têm acerca desse objeto de estudo, o que denota que as visões referentes ao fenômeno lingüístico podem ser sempre aprimoradas e inovadas.

Saussure foi o primeiro a sistematizar o estudo da língua e seu legado passou para as gerações seguintes, incluindo Benveniste entre aqueles que fizeram uso de sua teoria para confirmar, refutar e/ou somar informações às idéias saussurianas.

Um primeiro ponto que requer nossa atenção é a definição de língua que os autores abordam. Para Saussure, a língua é a linguagem menos a fala, ou seja, o autor descarta, de início, a concepção de língua como algo diversificado, particular a todos os indivíduos. De acordo com sua concepção, a língua é uniforme e representada pela escrita. Essa escrita

tem como objetivo a compreensão, sendo assim, os indivíduos necessitam compreender a mensagem de seu interlocutor, bem como se fazer compreender por aquele com quem está interagindo.

Já no entender de Benveniste, a língua é entendida como elemento em uso, ou seja, só se constitui como tal no momento da enunciação. Além dessa primeira colocação, Benveniste concebe a língua como efetuada em uma instância de discurso, requerendo a presença de dois interlocutores que interagem entre si para que se mantenha a comunicação. As enunciações se dão, sucessivamente, uma em resposta à outra, um enunciador inicia a comunicação e, daí, segue uma série de alternâncias até que finalize o assunto. Benveniste, ao contrário de Saussure, não descarta a fala da língua, considera-a como elemento integrante da língua, tal qual a escrita. Nessa colocação, percebemos que Benveniste vai um pouco além da teoria saussuriana, ao verificar a dificuldade em dividir a língua, excluindo a fala - o mecanismo particular que cada indivíduo possui para efetuar atos de linguagem.

Essas colocações de Benveniste pertencem à teoria da enunciação, que valoriza o eu, o tu, o aqui e o agora, denotando a verificação de vários pontos para que seja concebida a comunicação entre dois interlocutores. Além disso, percebemos que a questão referencial estará sempre presente, pois é via a apropriação da linguagem pelo locutor, através de um ato individual de utilização, que se estabelece a referência. Analisamos as colocações de Saussure e de Benveniste quanto à língua, as diferentes formas de concebê-la como um todo. Passamos, então, a considerar como os autores pensam que se dá a constituição lingüística.

Para Saussure, a língua constitui-se de signos lingüísticos que representam a menor unidade da língua. Esses signos são formados por um conceito e uma imagem acústica, sendo concebidos como uma entidade psíquica dotada de duas faces: o conceito que é também chamado de significado e a imagem acústica que é chamada de significante. Esse dois elementos constituem o signo simultaneamente, ou seja, um não existe sem a presença do outro. Além dessa questão, Saussure discute que o significante e o significado não possuem relação direta com os objetos por eles designados. O nome das coisas não tem relação com as coisas. Por isso, os signos têm caráter arbitrário. Daí, pode-se pensar que os nomes são atribuídos aos elementos por convenção, não havendo uma ligação necessária entre o nome e o objeto.

A convenção é discutida por alguns devido às onomatopéias e exclamações, pois essas produzem sons bastante aproximados do elemento designado. Esse é caso do som do relógio, por exemplo, pois, quando queremos representá-lo, fazemos uso do tic-tac e somos entendidos pelas

pessoas com quem interagimos.

Quanto à questão da arbitrariedade, Benveniste considera que as discussões levam a poucas conclusões. Para o autor, a arbitrariedade tem a ver com as relações de sentido e de referência, sendo o primeiro responsável pela idéia a ser transmitida e a segunda tem como função remeter à situação do discurso. Essa concepção leva-nos a entender o uso de um mesmo signo em diferentes situações e com valor também diferenciado.

Benveniste apresenta algumas diferenças quanto à concepção de signo lingüístico. Para ele, a primeira condição necessária para a constituição do signo é a significação. Essa forma de conceber o signo põe-no como pertencente a uma ordem semiótica, na qual o sentido é a primeira instância. O autor também esclarece que o signo lingüístico é uma unidade indivisível, mas decomponível, ou seja, pode ser decomposto, mas não pode ser dividido, sem perder suas características peculiares.

Quanto à noção de signo, Benveniste também o concebe como sendo composto de um significado e de um significante, porém, não esquecendo que essas não são suas características primeiras, antes vem a significação. O autor define o significante como a unidade formal da língua, a qual não é apenas uma seqüência de sons, mas, sim, quem condiciona e determina o significado. Saussure, em sua análise do significante, não lhe atribui uma função tão significativa, pois o concebe como a imagem acústica do signo, uma seqüência de sons, mas sem atribuir-lhe uma função de determinante ou condicionador do significado.

Benveniste, ao tratar da significação, salienta um aspecto bastante interessante: para ele os signos somente possuem sentido em relações de oposições, ou seja, um signo somente possuirá sentido quando está em relação com outro signo. Verificamos que o signo, para que seja concebido como tal, para o autor, deve estar engajado em um contexto situacional de uso. Caso não esteja sendo utilizado por um locutor, o signo lingüístico não pode ser considerado como um signo em essência, pois não estará sofrendo oposições e, sem essas relações, o signo não pode ser concebido como dotado de sentido.

Ao tratar da questão referente ao signo lingüístico, Benveniste estabelece uma série de discussões, que não são levantadas por Saussure. Uma questão bastante complexa é a noção de signo como possuindo uma unidade semiótica e uma unidade semântica. Essa noção de signo como possuidor de uma bifurcação deve ser observada com bastante atenção, pois, ao mesmo tempo em que há uma “divisão” quanto à noção de signo, não podemos separá-lo em duas partes, pois um mesmo elemento possui, segundo Benveniste, um nível semiótico e um nível semântico.

Assim, reforçamos que o signo lingüístico possui como característica ser decomposto e não dividido.

O nível semiótico do signo corresponde ao sentido *original*, ou seja, a sua primeira significação. Esse sentido é anterior ao próprio signo. Quando tratamos do sistema semiótico, devemos sempre ter em mente que o sentido do signo é um só, com essa constatação fica evidente que esse nível desconsidera a situação de uso em que é empregado o signo. Ao tratar do semiótico, não levamos em conta a multiplicidade de situações em que podemos fazer uso de um mesmo signo. Esse nível não leva em conta o esquema da enunciação: eu, tu, aqui e agora, ele define-se como intralingüístico e estabelece relações paradigmáticas com os outros signos.

Ao fazermos essa análise, pode parecer que o ponto referente à colocação de Benveniste como um estudioso da enunciação fica obscuro, pois, afinal, como poderia ele estudar essa teoria lingüística se desconsidera seus elementos básicos e como poderíamos entendê-lo se, ao definir a língua, coloca-a como sendo dependente da própria enunciação, de dois locutores, de um lugar e de um tempo determinado? Essas questões são elucidadas pelo autor, quando ele apresenta e define o nível que compõe a língua e seus signos, esse é o sistema semântico da língua.

O sistema semântico da língua tem como função primordial a comunicação, enquanto que o sistema semiótico é o responsável pela significação. Assim, ao tratarmos do sistema semântico temos que considerar a língua como um elemento dinâmico, que só se estabelece via comunicação. Além dessa questão, Benveniste nos coloca que, na língua, enquanto fenômeno dinâmico e em uso, é que formulamos nossos discursos, nossas manifestações acerca do que pensamos e de como agimos diante de diferentes situações, podemos, então, averiguar que a língua, enquanto sistema semântico, tem relação direta com a linguagem em uso.

Verificada a questão contextual, relacional e referencial da língua, por ser dependente e interagir com a cena enunciativa em que ocorrem as manifestações lingüísticas, podemos dizer que Benveniste diferencia-se de Saussure ao nos mostrar a língua e seus signos como elemento dinâmico e funcional, no que tange ao seu sistema semântico. Podemos perceber que Benveniste assemelha-se a Saussure ao conceber a língua e seus signos em um sistema semiótico, considerando-a como elemento estático e independente da situação em que forem proferidos. Não podemos esquecer, também, que a língua é concebida por Saussure como um sistema de signos que nos permite comunicar algo a alguém e receber informações de outros indivíduos. Dessa forma, é via língua e seus signos constituintes que se mantém a comunicação.

Percebemos que não podemos caracterizar como idêntica a noção de signo para Saussure e a noção de signo semiótico para Benveniste, pois para o último, a noção de signo semiótico não tem como incumbência e objetivo a comunicação, mas somente a significação. A significação para o autor está distanciada da situação de uso e ligada apenas ao próprio signo, por isso, podemos dizer que o signo semiótico não tem caráter dinâmico, mas sim, estático.

Esses dois sistemas fazem com que a língua e seus signos não sejam tão facilmente entendidos, o sistema semiótico caracteriza-se como uma propriedade da língua, enquanto que o sistema semântico é resultante da atividade de um locutor que coloca a língua em ação, caso contrário, esse último sistema não acontece.

Benveniste, ao definir essa dupla composição sistêmica da língua, mostra-nos que cada signo possui duas unidades, com essa colocação o estudioso da língua vai além de Saussure, pois esse último concebeu a língua como estática, como independente da situação de uso. Com essa concepção, o significante define os nomes e lhes atribui um único valor.

Podemos verificar que a unidade semântica do signo lingüístico aproxima-se em muito da noção de signo proposta por Saussure, pois, para Benveniste, a palavra é a menor unidade da língua, já Saussure afirma que a menor unidade lingüística é o signo. A palavra é, para Benveniste, uma unidade necessária à decodificação do pensamento, ou seja, estabelece-se a relação entre significado e significante, pois, ao enunciarmos um signo lingüístico ou uma palavra, forma-se em nossa mente um conceito referente à imagem acústica enunciada. Essa característica não pode ser atribuída, diretamente, ao signo semiótico, esse tem como princípio anterior ao significado e ao significante o sentido, que lhe é inerente.

Benveniste foi muito perspicaz em suas análises referentes ao signo lingüístico como um todo, valorizando a sua identidade semântica e sua identidade semiótica. Com essas constatações, somou valiosas informações à teoria saussuriana, pois promove um interessante questionamento e uma grande reflexão acerca do signo lingüístico. Além disso, com o estudo de Benveniste, entendemos melhor o conceito de polissemia. Para o autor, o sentido de uma palavra é obtido via emprego, não sendo inerente ao signo lingüístico. Ao tratar dessa questão, aproxima-se, novamente, a noção de signo saussuriano à noção de palavra, segundo o enfoque benvenistiano.

No final da análise e reflexão travadas por Benveniste, o autor chega a uma interessante conclusão, depreende que o sistema semântico e o semiótico do signo lingüístico e da língua como um todo, tão discutidos pelo autor, sofrem uma fusão. A palavra faz referência ao nível semântico, à materialização do sistema semiótico. Com essa dedução, tornam-se mais

perceptíveis a influência e a presença de ambos os níveis na constituição da língua como um todo. Não há como separar, funcionalmente, o sentido da situação de enunciação, que transmitirá uma determinada mensagem a um determinado sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Emile. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes, 1985.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de lingüística geral II**. *Campinas*: Pontes, 1989.

FLORES, Valdir do N. Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação: uma introdução (primeira parte). In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.